

I GUAIS mas não DÊNTICOS

¹ A autora agradece as professoras Lourdes Bandeira e Deis Siqueira a possibilidade de debater este texto e a Almira Rodrigues e Clelia Parreira que revisaram esta tradução

Até o século XVIII a problemática da igualdade dos sexos não havia sido sequer cogitada. Tinha-se debatido sobre a diferença existente entre homens e mulheres, porém supunha-se que eram diferentes por natureza (em essência). O primeiro grande debate sobre a questão feminina, a denominada *Querelle des Femmes* (Querela das Mulheres), teve início na França do século XIV com Christine de Pisan (1364-1430?). Neste debate não foi colocada a questão da igualdade dos sexos, mas o acesso por parte das mulheres ao saber legitimado, com o intuito de desenvolver melhor as suas tarefas e virtudes femininas específicas e essenciais.

Ja com Poullain de la Barre (1647-1723) também na França inaugurou-se o discurso racionalista sobre a origem social ou cultural das diferenças sexuais. Homens e mulheres foram concebidos iguais por natureza pela primeira vez, e as diferenças sexuais foram analisadas enquanto diferenças derivadas de processos de socialização distintos.

O debate sobre as diferenças sexuais desenvolveu-se no marco destes dois tipos interpretativos extremos: essencialistas (biólogos, psicólogos) e racionalistas (sociólogos, culturalistas).² Segundo a ótica essencialista, a diferença sexual não poderia resolver-se teoricamente, dado que é uma diferença inscrita na natureza dos seres humanos. Já segundo a perspectiva racionalista, teoricamente é possível eliminar todas as diferenças sexuais através da eliminação da dominação patriarcal.

Um terceiro tipo interpretativo, representado no nosso texto pelas reflexões desenvolvidas por Françoise Collin a partir da segunda metade da década de 80, afirma que não é possível resolver teoricamente a questão das diferenças sexuais.³ Baseado nas catego-

² Existem obviamente tipos interpretativos intermedios nos quais os tipos assinalados se misturam

³ Françoise Collin é uma académica francesa integrante do comité editorial da revista *Les Cahiers du Grif*. Esta publicação é um dos meios de expressão do feminismo académico francês. Em 1984 dirigiu a coletânea *D'amour et de Raison*, que reuniu os textos de um seminário com a participação de 300 feministas, centrado na crítica da ideia de sororidade (irmãdade) e de sua ideologia.

⁴ COLLIN Françoise *Du Privé et du Public Les Cahiers du Griff* (33) primavera de 1986 p. 47-68

⁵ Baseado em COLLIN Françoise *Essentialisme et Dissymétrie des Sexes Les Cahiers du Griff* (40) primavera de 1989 p. 91-104 e COLLIN Françoise *Praxis de la Difference Notes sur le tragique du sujet Les Cahiers du Griff* (46) primavera de 1992/1993

⁶ SIMMEL Georg *Sobre la Aventura Ensayos Filosóficos* Madrid Peninsula 1987

⁷ IRIGARAY Lucy *Yo Tu Nosotras* Madrid Ediciones Catedra/Universidad de Valencia/Instituto de la Mujer 1992

rias desenvolvidas por Hannah Arendt (1906-1975) este tipo interpretativo sustenta um conceito de pluralidade que envolve a igualdade e as diferenças sexuais razão pela qual passamos a denominá-lo pluralista⁴. Para o pluralismo a luta feminista localiza-se no campo ético-político e não no campo teórico afirmando a necessidade de estabelecer-se a igualdade de direitos e o direito às diferenças.

O discurso essencialista a exaltação da diferença sexual⁵

Segundo a ótica essencialista a mulher disporia de uma natureza específica, uma essência feminina (Georg Simmel (1858-1918), por exemplo, sustentou a existência de uma essência feminina centrípeta ou totalizante e uma essência masculina centrífuga). Em função desta essência feminina centrípeta as mulheres poderiam ter acesso aos bens culturais, mas nunca poderiam criá-los, pelo fato de não conseguirem objetivar. Neste sentido, Simmel defendeu o acesso das mulheres a uma universidade, mas para um posterior desempenho profissional diferenciado do masculino⁶.

As feministas essencialistas contemporâneas também sustentam o caráter ontológico da diferença sexual, porém não definem o feminino a maneira de Simmel. Enquanto este definiu o feminino em termos de unidade ou totalidade não escindível, as feministas essencialistas contemporâneas o fazem em termos de fluidez. Lucy Irigaray, por exemplo, baseada nesta definição e em metáforas derivadas da maternidade sustenta a hipótese de uma cultura alternativa, não violenta, na qual a produção de um objeto não signifique sua coisificação ou instrumentalização, e na qual aquilo que é exteriorizado não perde contato com o interior⁷.

Para as feministas essencialistas contemporâneas a essência feminina não é pura imanência, mas a transcendência que não coloca fora de si aquilo que gera. Aquilo que é produzido não se torna algo estranho à quem o produz. A reprodução biológica (o especificamente feminino) transforma-se em um modelo para este tipo de produção não instrumentalista. A reprodução biológica representa a geração de um outro diferente, mas não um objeto ou instrumento do sujeito gerador. A maternidade torna-se, assim, o paradigma da cultura alternativa essencialista.

Se o tipo interpretativo essencialista permite evitar o risco de uma pura e simples assimilação das mulheres à sociedade masculinizada, não é possível esquecer que foi o próprio discurso essencialista que justificou

todas as discriminações sexuais tradicionais. Ainda mais e questionável a própria pretensão de estabelecer ou definir essências. Psicologizando ou biologizando as constatações sociológicas e culturais (historicamente produzidas) realizam-se afirmações universalistas que fixam e aprisionam a feminidade em moldes estruturados, ainda que esses moldes sejam positivamente valorizados. Este tipo de procedimento teórico deduz uma diferença sexual essencial a partir das diferenças de gênero empíricas e transforma a descrição em prescrição. No entanto, as condições de existência das mulheres num período histórico ou em um contexto cultural específicos não permitem inferir sua essência. As categorias de análise da condição feminina em um espaço-tempo delimitado confundem-se com a própria realidade e são sustentadas pelo discurso essencialista como normas universais.

O suposto universal feminino ou essência feminina, via de regra, acaba voltando-se contra as próprias mulheres de carne e osso, sob dois tipos de mecanismos: justificando a discriminação das mulheres em função da essência feminina ou julgando negativamente como traidoras aquelas mulheres que não condizem com a norma fixada como universal. Assim, a feminização da verdade sustentada por feministas essencialistas contemporâneos e por filósofos pós-modernos, embora por diferentes razões, pode gerar uma nova maneira de dominação das mulheres⁸. Através de procedimentos de sedução não violenta, coloca-se fora do debate o que realmente permanece em jogo para as mulheres.

A feminização da verdade não representa o mesmo para feministas e pós-modernos. Quando os pós-modernos escrevem sobre o feminino, referem-se a um conjunto de qualidades independentemente de um determinado sexo. Desta maneira, os pós-modernos aparentam estar alertas a questão da diferença sexual quando na verdade fogem das mulheres como objeto de estudo e da realidade das mulheres. Já quando as feministas falam sobre o feminino, referem-se a qualidades das mulheres a um universal feminino supostamente (e essencialmente) presente em todas as mulheres. Porém, ao definirem esse universal feminino, as feministas prescrevem e sujeitam as mulheres a parâmetros rígidos.

A realidade dos homens e das mulheres não é redutível às categorias feminino e masculino. As diferenças sexuais são ensinadas pela dominação, e essa dominação está inscrita no real sob múltiplas maneiras, sem que uma única causa ou origem histórica as torne compreensíveis.

⁸ Sobre a questão da pós-modernidade, ver CALDERON, Fernando. *Imágenes Desconocidas. La Modernidad en la Encrucijada Pos-moderna*. Buenos Aires: CLACSO, 1988. JAMESON, F. *Postmodernism or the Cultural Logic of Late Capitalism*. *New Left Review* (146), 1984, p. 53-92. LYOTARD, Jean-François. *O Pós-moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990 (3ª ed.) e WALLERSTEIN, Immanuel et alii. *El Juicio al Sujeto. Un Análisis Global de los Movimientos Sociales*. México: FLACSO/Porrúa, Grupo Editorial, 1990.

9 Baseado em COLLIN Françoise *La Meme et les Differences Les Cahiers du Grif* (28) Hiver 1983/1984 p 116 e COLLIN Françoise *Praxis de la Difference notes sur le tragique du Sujet Les Cahiers du Grif* (46) primavera de 1992/1993

O discurso racionalista a eliminação da diferença sexual⁹

Sob a perspectiva racionalista os seres humanos são essencialmente iguais sem diferenças predeterminadas segundo o sexo. As diferenças sexuais provêm da socialização e da cultura. Em consequência o fim da dominação patriarcal e da discriminação sexual eliminaria as diferenças sexuais. O discurso racionalista desenvolveu-se fortemente no interior do movimento feminista dos anos 70. Segundo este discurso o problema principal era acabar com qualquer tipo de discriminação sexual. Ultrapassado este problema fundamental reinaria a homogeneidade em um mundo sexualmente não diferenciado. Logo foi rejeitado tudo o que supunha algum tipo de diferença: a distribuição e especialização de tarefas (do trabalho), as hierarquias, a afirmação individual, entre outras. As diferenças segundo esta ótica derivaram da ordem patriarcal.

No entanto, o movimento feminista daquela época não era baseado em uma organização democrática de estilo direto e sim na suposição da existência do consenso em termos de uma ideologia do mesmo. A superação da ordem e das leis patriarcais era identificada com a superação da discriminação sexual da dominação patriarcal e de todo e qualquer tipo de diferença sexual. O movimento confundia ser iguais com ser idênticos. O fato de ignorar as diferenças criou um momento de excepcional sociabilidade entre as feministas, porém só podia ser excepcional. Quando as diferenças internas ao próprio movimento feminista começaram a manifestar-se, a ideologia do mesmo mostrou-se impotente para interpretá-las e o movimento fragmentou-se. Dividiu-se em distintas organizações, cada uma das quais se achando com o direito de representar o verdadeiro feminismo, desacreditando as demais.

É de interesse observar o paralelismo existente entre a história da ideologia do mesmo que envolveu o feminismo e o marxismo da época. No caso do marxismo o problema fundamental era o das classes sociais. Porém, da mesma maneira que o feminismo entendia que extintas as diferenças de classe a dominação capitalista e a discriminação econômico-social reinaria espontaneamente a calma homogênea e indiferenciada da ordem socialista ou comunista.

Após quase vinte anos e muitos custos pessoais e coletivos, o movimento feminista iniciou uma outra fase, trazendo da anterior as seguintes aprendizagens: a) a sociabilidade entre as mulheres não pode definir-se pela fusão e equalização; b) a diferença merece ser pensada também em termos positivos; e c) a diferença

instaura-se não só entre as mulheres e o mundo, mas também entre as próprias mulheres e entre o sujeito mulher e a condição de mulher.

Primeiro interlúdio

Segundo Collin, a vontade de superar a estrutura de dominação que afeta a relação entre os sexos levou as feministas a adotar posicionamentos antagônicos (essencialistas *versus* racionalistas), tendo em comum a afirmação metafísica do sujeito. No caso das feministas essencialistas, afirma-se o sujeito mulher. No caso das feministas racionalistas, afirma-se o sujeito humano. Isto quando os filósofos pós-modernos proclamam a morte do Sujeito!¹⁰

¹⁰ COLLIN, Françoise. *Praxis e la Difference*. op. cit.

Desta forma, defrontamo-nos com uma contradição: a de querer ser sujeito mulher, ainda que seja só para comunicar que o Sujeito morreu! Uma saída para esta contradição poderia localizar-se na diferença entre o sujeito de direitos (indivíduo enquanto sujeito político) e o Sujeito ontologicamente considerado. Uma coisa é a luta contra a sujeição e uma outra é a luta contra o mito do Sujeito. Pode-se observar esta diferença no diálogo. No diálogo, o ego foge da igualdade como homogeneidade e consenso (dado que o diálogo pressupõe a existência de um Outro diferente) e da objetivação e coisificação (dado que o diálogo pressupõe uma relação entre sujeitos com iguais direitos a palavra). As categorias elaboradas por Hannah Arendt são de utilidade para procurar compreender estas diferenças.

¹¹ Baseado em ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1983. e COLLIN, Françoise. *Du Privé et du Public*. *Les Cahiers du Gnf* (33), primavera de 1986, p. 47-68.

Público, privado e social¹¹

Público e privado, natureza e cultura, são pares antagônicos dominantes no pensamento ocidental, que legitimam de forma paralela a divisão sexual. Segundo Arendt, o espaço do público constitui-se pelos homens, que se apresentam uns aos outros, que se falam em um interesse (espaço do mundo comum). Historicamente considerado, o espaço do público equivalia a *polis* (grega) e, portanto, a vida política, enquanto o espaço do privado equivalia a *oikia* (casa).

No espaço do público, cada *qui* (pessoa) se apresentava aos outros, sem se perder no anonimato coletivo. A lei do público era, portanto, a pluralidade e a heterogeneidade. O único igual era o direito a palavra (*lexis*) e a ação (*praxis*). Em contrapartida, o espaço privado constituía-se do necessário e do útil, das

mulheres e dos escravos de tudo relacionado com a sobrevivência e a reprodução da vida. A lei do privado era a desigualdade universal. Assim, a *polis* era o reino dos iguais mas diferentes, da liberdade, enquanto que a *oikia* era o reino dos desiguais, da necessidade.

A relação entre ambas as esferas encontrava-se no fato de que o exercício da liberdade política precisava da satisfação das necessidades. Ser livre significava não estar sujeito às necessidades da vida. Porém, significava também não estar no comando de outros, nem sob o comando de outros. A liberdade excluía a dominação e a submissão. Por outro lado, a natalidade também constituía um elo de ligação entre ambos os espaços: o nascimento se localizava entre o público e o privado, dado que representava o peso da necessidade mas também a chance da liberdade, do novo e da pluralidade.

A desigualdade do privado e a pluralidade do público opunham-se ao mesmo tempo em que tinham algo em comum: a oposição conjunta ao social (reino da igualdade entre idênticos). A esfera social, que não é privada nem pública, é um fenómeno da modernidade e sua forma política é o Estado-nação. Com a sua aparição, os limites entre o público e o privado tornaram-se mais confusos, e os problemas, atividades e formas de organização do privado passaram ao espaço do público.¹²

O social é a forma de coletividade humana na qual o *qui* perde seu poder de apresentar-se, de falar e agir na confusão anônima. O social espera de cada um de seus membros um certo tipo de comportamento pela imposição de inúmeras e variadas regras que normalizam a sua conduta, destruindo a ação espontânea e a palavra inusitada. A sociedade de massas e seu ápice. No social, tudo é exibido mas nada aparece. Tudo se fala, porém ninguém fala. A igualdade moderna baseia-se na eliminação ou supressão da pluralidade pública e da desigualdade privada, construída pelos antigos gregos.

A noção de pluralidade é chave no pensamento de Hannah Arendt. Ela reúne os conceitos antagônicos de igualdade e diferença na constituição de uma categoria que não só respeita as diferenças mas também delas necessita. A crítica dos conceitos modernos de Sujeito e de igualdade, entendida como identidade ou homogeneidade, não produziu no pensamento arendtiano uma filosofia da diferença (seja pós-moderna, seja feminista). Para Arendt, o conceito moderno de Sujeito tem seus riscos, mas também delimita a existência de excluídos, de não-sujeitos políticos (minorias apátridas, parias) sem direito a

¹² Embora ARENDT não tenha tratado do assunto, poder-se-ia pensar que foi a confusão entre os espaços público e privado que deu origem à confusão entre o juízo ou a morte do Sujeito e a morte do sujeito de direitos ou cidadão.

palavra e a ação. A condição dos excluídos e contraditória, embora sem direitos a palavra e a ação, os excluídos são irredutíveis, não assimiláveis ao anonimato social. Em última instância, os excluídos tornam-se os únicos sujeitos verdadeiramente políticos, com possibilidade de fala e ação autônomas.

Segundo interlúdio

É de interesse neste texto destacar que o tipo interpretativo que denominamos pluralista encontrou suas bases teóricas no pensamento de uma mulher que não se considerava feminista, para opor-se e distinguir-se dos tipos essencialista e racionalista, já desenvolvidos. Embora tenha prestado atenção à relação feminino/masculino como expressão da dominação, Arendt não se preocupou especificamente com as questões de gênero.

Nos seus escritos, Collin utiliza o pensamento de outros autores como pretexto para posicionar-se, para falar e para agir. Ela opera em dois planos: numa dupla leitura dos autores, em primeiro lugar, realiza uma leitura interna de cada um, com o intuito de tornar compreensíveis suas linhas de pensamento ao leitor; em segundo lugar, uma leitura externa, posicionando-se como um *qui* em diálogo com eles e portadora de sua própria mensagem.

Duas são as problemáticas que preocupam Collin: a questão da pluralidade, da igualdade e das diferenças dentro e fora do pensamento feminista, e a questão da natalidade, da transmissão e da herança do pensamento feminista. Duas também são as metodologias que propõe: a construção de um espaço de interlocução para o exercício da pluralidade, e o redirecionamento do olhar para ver e se ver, e para ver o obvio.

¹³ Baseado em COLLIN, Françoise. *La Meme et les Differences*, op. cit. _____ *Du Privé et du Public*, op. cit. _____ *Héritage sans Testament*. *Les Cahiers du Griff* (34), verão de 1986, p. 81-93. _____ *Essentialisme et Dissymétrie des Sexes*, op. cit. e _____ *Praxis de la Difference*, op. cit.

O discurso pluralista: igualdade e diferenças¹³

Collin, a partir da crítica da ilusão de harmonia e de homogeneidade entre as feministas e entre as mulheres em geral, propõe pensar as diferenças em três níveis: entre o sujeito mulher e a sua condição de mulher; entre as mulheres, e entre as mulheres e o mundo do sexualmente misto.

No que diz respeito às diferenças entre o sujeito mulher e a sua condição de mulher, ela diz: "Eu sou uma mulher, mas eu não *é* so uma mulher. Um sujeito mulher não se reduz a sua feminidade, e portanto um

sujeito heterogeneo. Torna-se necessario reconhecer que as diferenças tambem se localizam no interior do proprio sujeito mulher. Desta maneira, Collin nega toda perspectiva essencialista. Em relação as diferenças entre as mulheres, assinala que e preciso construir um novo tipo de sociabilidade entre elas, que incorpore e articule tais diferenças. E preciso levar em conta as diferenças entre as mulheres e nao nega las, colocando de lado toda e qualquer ideologia do mesmo. Desta maneira, Collin tambem se distancia da perspectiva racionalista.

No que diz respeito as diferenças entre as mulheres e o mundo do misto, ressalta a necessidade de uma nova forma de compreensão desta relação, dado que o que provem de fora nao e necessariamente algo ameaçador, o inimigo. No tipo interpretativo essencialista, assim como no tipo interpretativo racionalista, o mundo do sexualmente misto, o mundo externo ao feminismo e as mulheres, e olhado como o diferente e portanto, o inimigo. Esta compreensão do mundo misto tem levado a distanciamentos e oposições, que muitas vezes voltaram-se contra as proprias mulheres, assim como a rejeição e ao abandono do patrimônio cultural sem compreender que o patrimônio e tambem nosso matrimônio.

Isto vale ressaltar, com relação a questão das diferenças. Mas Collin vincula esta questão a problemática da transmissão. Aproveitando o conceito arendtiano de natalidade, Collin discute o problema da transmissão intergeracional entre mulheres e da maternidade simbolica. A transmissão e uma operação bilateral, uma relação entre duas pessoas. Exige atividade de por parte de quem transmite, mas tambem de quem recebe. Nao pode funcionar sem o outro. E esse outro recebe e recicla a informação transmitida. Desta forma fica obvio que não se pode esperar uma transmissão em bloco e sem modificações das conquistas que as mulheres alcançaram de uma geração para a seguinte. Herança sem testamento, e a expressão utilizada por Collin para aludir a este tipo de relacionamento. As novas mulheres recebem mas tambem rompem com aquilo que e herdado.

Na historiografia masculina, a sociedade das mulheres nao tinha historia, dado que foi percebida como o espaço da repetição ancestral do mesmo e da reprodução biologica. As feministas tentaram tirar as suas filhas deste espaço dedicado exclusivamente a reprodução e a repetição, o que foi possivel nao por oposição a reprodução biologica, mas através da geração ou maternidade simbolica. Elas introduziram o novo no espaço feminino da reprodução, tomando a

palavra em seu proprio nome sem repetir os saberes ancestrais anônimos gerando novas mulheres (filhas) e criando a temporalidade. O que e preciso hoje e que essas feministas/maes simbolicas aceitem essa temporalidade por elas criada sem negar as filhas o direito as diferenças a falar e a agir diferente.

O aporte fundamental do feminismo foi a criação da temporalidade das mulheres e da maternidade simbolica. A maternidade simbolica e uma maneira de se eludir do carater opressor e determinista da maternidade biologica estruturada pelo patriarcado construindo um parentesco baseado na palavra e na açao. E uma relação simbolica e nao biologica publica e nao privada estrutura se na pluralidade e nao na desigualdade ou na homogeneidade baseia se na palavra e na açao e nao na tradição ou na lei. Essa maternidade simbolica gerou tambem um *corpus* feminista as obras das mulheres ja nao são mais isoladas. As novas mulheres (e os novos homens) podem se referir a esse *corpus* dialogar nele dado que não e um objeto ou um sistema mas um espaço de circulação que atravessa as disciplinas e as realimenta.

Esse *corpus* feminista merece nutrir se de todos os aportes (convergentes e divergentes) produzidos pelas mulheres sem se tornar uma doutrina unica. E importante que permaneça como espaço de circulação e dialogo permitindo as mulheres o desenvolvimento da palavra e da açao. Esse espaço denominado por Collin feminismo cultural ou cultura feminista e um espaço privilegiado para a criatividade das mulheres para o desenvolvimento de relações de afiliação ou maternidade simbolica e para a possibilidade de uma temporalidade feminina sem repetições.

A transformação da relação entre os dois sexos se vincula ao reconhecimento por parte dos homens de que e possivel aprender com as mulheres alguma coisa relativa a verdade. A palavra das mulheres precisa ser pensada expressada meditada compreendida interpretada citada pelos homens. A palavra feminina tem de ser atendida. Isto e a transformação da relação entre os dois sexos depende da criação de um espaço de dialogo e de circulação compartilhado por homens e mulheres um espaço de negociação e geração simbolica reciproca. Escutar as mulheres se afiliar as mulheres nao significa reverter uma relação de dependencia tradicional mas abrir as possibilidades para um dialogo no qual a propria diferença sexual coloca se no jogo. Porque a diferença sexual e mais do que tudo um jogo etico politico presente em toda relação entre homens e mulheres individual ou coletivamente renegociada.

Todo final e um inicio

A diferença sexual não é uma questão teórica mas uma questão da praxis. Os fracassos dos intentos essencialistas e racionalistas de definição teórica da questão sexual revelam nos que é preciso tira-la do plano do saber e localiza-la no plano ético político. Homem e mulher não são definíveis não são substantiváveis. A diferença sexual só aparece na experiência do diálogo que confronta uma mulher e um homem, mulheres e homens, um sujeito mulher (ou homem) e a sua condição de gênero no espaço público social ou privado. A diferença sexual não pode ser equacionada teoricamente decide-se e redecide-se em cada relação sem que ninguém saiba *a priori* qual é seu lugar.

O feminismo pluralista procura encontrar soluções ou alternativas para as questões colocadas pelo essencialismo, o racionalismo e a modernidade, mas a partir do próprio projeto moderno. Assim incorpora em um diálogo contínuo a igualdade e as diferenças sem negá-las, circula nas disciplinas sem confundí-las, valoriza e despreza o patrimônio em um constante jogo dialético. Pluralidade e diálogo são as suas chaves.

¹⁴ As citações com margem a esquerda pertencem ao livro de WITTIG, Monique *Las Guerrilleras*, Barcelona, Seix Barral, 1971, e representam um pensamento racionalista. As citações com margem a direita são do artigo de COLLIN, Françoise, *Le Meme et les Differences*, op. cit. e refletem o discurso pluralista.

*Dicen que deben romper el ultimo vinculo
que las sujeta a una cultura muerta*

El patrimonio es tambien nuestro matrimonio

*Movidas por un impulso comun, estabamos todas
en pie para volver a encontrar como a tientas
el curso igual, el unisono exaltante de la
Internacional*

Soy una mujer pero yo no es una mujer ¹⁴